

os Leitores

Pensionistas

ditamento à minha carta, pu-
na seção "Dos leitores", de O
PORTUGUÊS de 17/04/81, to-
perdade de solicitar a publica-
seguinte:

mada de atitudes", que tive a
idade de iniciar em 10/03/81,
favor, como aposentado, e em
is dezenas de aposentados por-
s, residentes no Brasil e depen-
da Caixa Geral de Depósitos,
e ser coroada do melhor êxito,
categoricamente, nunca deixei
par e de prever.

ia 15/04/81, fui convocado para
ecer no gabinete do Diretor Ge-
Caixa Geral de Depósitos (Agên-
cancial), Dr José Augusto do
e teve a gentileza de me anun-
solução, a curto prazo, de tão
problema.

erdade, as pensões, atrasadas
os meses, já começaram a ser
os interessados, num ritmo que
ura duradouro e eficiente.

o recordar, com toda a gratidão,
o estive isolado nem incomo-
do na minha "tomada de atitu-
oi muito encorajante e amistosa
riedade dos meus antigos cole-

serviço, de alguns dos quais
inclusive, ofertas de ajuda fi-
ta. Faça, publicamente, referên-
ste pormenor sentimental, para
de passagem, não só o "dra-
muitos dos aposentados portu-
residentes no Brasil, mas tam-
tremendo desgaste "moral e
que tive que passar, inesperada-
sem receber, em dia, as mi-
ensões nestes maus primeiros
de aposentado.

ambém, com muita satisfação,
estas linhas, deixo, reconheci-
em meu nome e em nome de
os aposentados, os melhores
cimentos à Imprensa lusa do
Janeiro, muito especialmente a
DO PORTUGUÊS, pela forma

0057

Comunidades Portuguesas



Ives Gandra da Silva Martins

OS povos nascem com a
própria vocação. Como os
seres humanos, as nações
têm suas aptidões, deixando a
indelével marca dessa tendência,
na história. A civilização chinesa
teve mais preocupação filosófica
que a da Índia, a qual, todavia,
sinalizou sua presença pelo mis-
ticismo maior de seu povo. Os
gregos foram mais teóricos e
cientistas que os romanos, que,
todavia, souberam melhor que os
gregos utilizar-se do instrumen-
tal jurídico para o domínio espe-
cial e temporal.

Não se desconhece a presença
cultural da Itália na renascença e
idade contemporânea, principal-
mente na música, literatura e ar-
tes plásticas, de maior brilho e de
menor universalidade que a fran-
cesa ou de menor profundidade
que a germânica.

A presença portuguesa, na hu-
mana história, entretanto, difere
dos padrões clássicos conheci-
dos. Embora flutuando pelo mes-
mo universo cultural dos demais
povos, sua tonalidade diferencial
não decorre de nenhuma das ca-
racterísticas que notabilizam ou-

tros povos, nações, civilizações
ou raças. Embora as tendo todas,
não há traços distintivos maiores
em relação a tudo aquilo que se
fez, e que se faz nas demais par-
tes do mundo.

A marca do gênio português
não chega a ser o descortinar do
mundo, que conquistou, através
das grandes navegações, nem o
fato de terem dado ao homem
atual as dimensões do globo em
que vivem, embora tal entrega de
um novo mundo ao mundo fosse
por si só suficientemente grande
para tornar sua marca definitiva
na história.

O que representa o tom espe-
cial do gênio português reside na
sua maneira de ser. Na forma de
conviver. No estar sem precon-
ceitos onde quer que esteja. Em
se amalgamar à sociedade em
que chega, não se diferenciando,
na segunda geração, daqueles
que a constituem. Em preocupar-
se nas obras de benemerência de
exaltação do ser humano. No cui-
dar do insuficiente. No sentido de
caridade, quaisquer que sejam as
raças que atinge, que acompa-
nha seus passos. Enfim, de nas-

cer com o coração universal, in-
capaz de formação de guetos,
aprendendo as operações de so-
ma e multiplicação e esquecendo
as divisões e subtrações.

Creio seja esta a razão de sua
permanência na história e a mar-
ca maior da gente lusitana, em
suas comunidades espalhadas
por todo o mundo, bem sensível.

Creio mais que, na medida em
que todo o mundo perceba a
transcendental significação des-
sa presença e dessa maneira de
ser, e passe a ser assim, a huma-
nidade inteira terminará por se
beneficiar de lição de fraternida-
de tão necessária nos dias que
correm.

Convivendo, há mais de duas
décadas, inteiramente com as co-
munidades portuguesas, não
posso deixar de considerar ser
esta a principal, mais delicada,
maior razão de ser da civilização
lusitana, criada por um povo que
sempre soube permanecer pela
força mais forte de sua presença
descortinadora e amiga.

Ives Gandra da Silva Martins é vice-Presidente
do Instituto dos Advogados de São Paulo

Minha Memória de Maurice Béjart

MAURICE Béja-
neiro ou um m-
légio, hora ilu-
me foi dada u-
e conjunta, contempor-
arte. Apelo de todos os
da de todas minhas en-
de cabeça, sensação de
uma passagem importan-
história do meu modo c-
comum entre tantas ou-
lado estiveram por um
zadas.

Béjart coreógrafo e e-
e filósofo, criador e t-
incomum porque semp-
nha dá uma imagem p-
nia humana. Preparei a
brava a Lisboa de 1968
Sagração da Primavera
me ficou uma impres-
ballet único e diferent-
de mãos, corpos combi-
perfeitos, luzes dourac-
Béjart de braços amp-
uma força incrível atra-
mínimos movimentos.
nha reação 13 anos de
tantes na minha viagem
de luta e de maturação
ciência de como mudé-
tenderia este outro Bé

No caso do Ballet du
criticos e especialistas
lhe dedicam largos es

Algumas idéias preliminares sobre o Congresso

